

ÍNDICE

Prólogo – Uma «necrologia» da Igreja	7
1. Introdução – De que se trata?	9
2. Definições conceptuais: dogma e evolução	21
2.1 O que significa «dogma»?	21
2.1.1 Os antecedentes do conceito	24
2.1.2 Um novo termo técnico	31
2.1.3 Pio IX: inovação com intuito anti-inovador	37
2.1.4 O conceito atual de «dogma»: o que se transformou a transformar-se	43
2.2 O que significa «evolução»?	53
2.2.1 Uma primeira tentativa de definição	53
2.2.2 A evolução do dogma como resposta à história dos dogmas	56
2.2.3 Os primeiros enfoques no início do século XIX: um esboço	64

2.2.4 A teologia à sombra de Charles Darwin	68
3. A Bíblia como resultado e fio condutor da evolução	
dogmática	77
3.1 As Escrituras: porquê só agora?	77
3.2 A Bíblia como resultado da evolução	81
3.2.1 Cristo – encontrado no texto, confirmador do texto? . . .	81
3.2.2 Do cânone da verdade ao cânone do Novo Testamento	90
3.3 A Bíblia como fio condutor da evolução	102
3.3.1 Jesus Cristo na «condição divina» e na «condição de servo»	103
3.3.2 «Guarda o depósito precioso»	106
3.3.3 Paráclito e Espírito – mestres de toda a verdade	108
4. Continuidade e mudança da doutrina da fé na reflexão da Igreja antiga	113
4.1 Um primeiro olhar sobre a época	113
4.2 Crescimento natural, pedagogia divina e linguagem humana	114
4.3 «Em qualquer lugar, sempre e por todos», a regra de Vicente de Lérins	130
4.3.1 Os critérios do <i>canon vicentianus</i> e os seus problemas	131
4.3.2 Propriedades, crítica e reabilitação de Vincente – uma perspetiva	146
5. Debates medievais sobre o crescimento da fé que se mantém	153
5.1 Não se pode criar nada de novo?	153
5.2 Pensamento dedutivo e evolução doutrinal na polémica do <i>filioque</i>	156
5.3 Fé implícita, fé explícita e «fé do carvoeiro»	166
5.4 Progresso do conhecimento e da autoridade – São Tomás de Aquino	178
5.5 A Reforma existiu realmente?	184

6. A fase quente das teorias da evolução do dogma: século XIX e princípio do século XX	189
6.1 A denominada Escola de Tübingen: espírito romântico e conceptualização idealista	190
6.1.1 Johann Sebastian Drey: «Não se deve temer o crescimento dos dogmas cristãos»	191
6.1.2 Johann Adam Möhler: conceitos mortos e vida divina	200
6.2 John Henry Newman: «Aqui em baixo, viver é mudar, e ser completo é sinónimo de ter mudado muitas vezes»	210
6.3 O problema da evolução do dogma na neoescolástica	221
6.3.1 Tradição: dom divino e limitação humana	223
6.3.2 Lógica e progresso dogmático	229
6.4 Ponto alto e fim provisório das teorias da evolução do dogma: a crise do modernismo	235
7. O século XX: da influência do antimodernismo à assimilação do Concílio Vaticano II	245
7.1 A necessidade de um novo começo: Maria, o Papa e um «neomodernismo» eclesialístico?	245
7.2 Karl Rahner: estática da revelação proposicional e dinâmica da autorrevelação	252
7.3 Joseph Ratzinger: um teórico da continuidade?	264
7.4 Walter Kasper: dogma como serviço de amor à profissão de fé comum	280
8. Visão de conjunto e perspectiva: um alcance maior do que se esperava	289
8.1 O possível, o impossível e o necessário	289
8.2 Cinco aceções de «dogma», duas formas de evolução do dogma	290
8.3 Tipologia das teorias da evolução do dogma: 11 diferenças	295
8.4 Um olhar para diante	301
8.4.1 Meios e fins, o penúltimo e o último	301

8.4.2 A continuidade: uma questão eclesial e não só doutринаl	305
8.4.3 A evolução do dogma entre a contingência histórica e a esperança crente	310
Epílogo: Uma «necrologia» da Igreja?	315
Abreviaturas	317
Bibliografia	321
Agradecimentos	345